

ALICE MUNRO

O amor de uma boa mulher

Contos

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1998 by Alice Munro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Love of a Good Woman

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

The National Archives UK

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munro, Alice

O amor de uma boa mulher: Contos / Alice Munro; Tradução
Jorio Dauster — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Love of a Good Woman

ISBN 978-85-359-2275-2

1. Canadá - Vida social e costumes - Ficção 2. Contos canadenses 3. Mulheres - Canadá - Ficção 1. Título.

13 - 04304

CDD - 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura canadense em inglês

813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O amor de uma boa mulher	11
Jacarta	92
A ilha de Cortes	133
Salve o ceifador	164
A crianças ficam	203
Podre de rica	238
Antes da mudança	280
O sonho de mamãe	323

O amor de uma boa mulher

Nas últimas duas décadas, um museu em Walley tem se dedicado a preservar fotografias, batedeiras de manteiga, arreios de cavalo, uma velha cadeira de dentista, um descascador de maçãs pouco prático e outras curiosidades, como aqueles pequenos e bonitos isoladores de porcelana que costumavam ser usados nos postes telegráficos.

Há também uma caixa vermelha onde estão impressas as letras D. M. WILLENS, OPTOMETRISTA, com uma nota ao lado que diz: “Esta caixa de instrumentos de optometria, embora não muito antiga, tem considerável importância local por haver pertencido ao sr. D. M. Willens, que se afogou no rio Peregrine em 1951. A caixa escapou do desastre e foi presumivelmente descoberta pelo doador anônimo que a ofereceu para fazer parte de nossa coleção”.

O oftalmoscópio faz lembrar um boneco de neve. Isto é, a parte de cima — a que se prende ao cabo oco. Um grande disco, com outro menor no topo. No disco grande, um buraco pelo qual se olha enquanto as lentes são mudadas. O cabo é pesado porque ainda contém as baterias. Caso elas fossem retiradas e se

encaixasse a vareta também disponível, com um disco em cada extremidade, seria possível ligar o aparelho a uma tomada elétrica. Mas talvez tenha sido necessário usá-lo em lugares onde não havia eletricidade.

O retinoscópio dá a impressão de ser mais complicado. Abaixo da banda curva de metal que o mantém fixo na testa do optometrista, existe algo semelhante à cabeça de um duende, com um rosto em forma de bolacha e um gorro pontudo de metal. Essa peça faz um ângulo de quarenta e cinco graus com uma haste fina no alto da qual se situa um pequeno foco de luz. A face achatada é feita de vidro, servindo como um espelho de fundo escuro.

O aparelho é todo pintado de preto, mas, nos lugares em que foi maior o contato com a mão do optometrista, a tinta desapareceu e se podem ver partes do metal prateado.

1. JUTLAND

O local se chamava Jutland. No passado, lá existira um moinho e um pequeno povoado, porém as modestas construções já haviam desaparecido no final do século anterior e o lugar não chegara a ser grande coisa em tempo algum. Muita gente imaginava que o nome tinha sido dado em homenagem à famosa batalha naval da Primeira Guerra Mundial, mas na verdade só restavam ruínas antes mesmo de ser travado o combate.

Os três garotos que para lá foram numa manhã de sábado no começo da primavera de 1951 acreditavam, como a maior parte das crianças, que o nome vinha do tecido usado para fazer sacos, e que isso tinha algo a ver com as velhas e grossas estacas de madeira cravadas na terra junto à margem do rio e na parte mais próxima do leito, formando uma paliçada irregular. (Tratava-se, na realidade, dos restos de uma represa construída antes

que se usasse cimento.) Os únicos sinais de que ali existira alguma coisa eram as estacas, uma pilha de pedras das antigas fundações, um arbusto de lilás, algumas grandes macieiras deformadas por um fungo e a vala rasa por onde antes corria a água do moinho e que agora se enchia de urtigas no verão.

O lugar era ligado à estrada que levava à cidadezinha por um caminho de terra que constava nos mapas apenas como uma linha pontilhada, mero auxílio para seus frequentadores. A trilha era bastante usada no verão por quem vinha nadar no rio ou, à noite, por casais que buscavam um local para estacionar. Havia um espaço para fazer manobra antes de se chegar à vala, mas nas estações chuvosas a área ficava tão coberta de urtiga, canabrás e cicuta selvagem que os carros às vezes precisavam voltar de marcha a ré à estrada principal.

As marcas de pneu que chegavam até a água eram facilmente visíveis naquela manhã primaveril, mas os meninos não prestaram atenção nelas porque só pensavam em nadar. Pelo menos chamariam aquilo de nadar. Voltariam para a cidade dizendo que tinham nadado em Jutland antes que toda a neve do solo houvesse derretido.

A água era mais fria naquele trecho do rio do que nos remansos perto da cidadezinha. Não havia ainda uma só folha nas árvores ribeirinhas — os únicos pontos verdes eram manchas de alhos-porros e cravos-de-defunto dos pântanos, brilhantes como espinafres, ao longo do córrego que descia criando uma valeta natural. E, na margem oposta, eles viram sob alguns cedros o que mais lhes interessava — uma faixa longa e baixa de neve, teimosa e tão cinzenta quanto uma pedra.

Ainda não derretida.

Por isso eles cairiam na água e sentiriam o frio feri-los como punhais de gelo. Punhais de gelo atrás dos olhos, perfurando por dentro o topo de seus crânios. Depois de mover braços e pernas

algumas vezes, pulariam para fora, tremendo dos pés à cabeça e deixando seus dentes bater; enfiariam os membros entorpecidos nas roupas e experimentariam a dolorosa recaptura de seus corpos pelo sangue ainda assustado, juntamente com o alívio de terem realizado a proeza de que tanto se gabariam.

As marcas que eles não notaram atravessavam a vala — na qual nada crescia agora e onde só se via o capim cor de palha do ano anterior, morto e rente ao chão. Cruzavam a vala e penetravam no rio, sem tentar se desviar. Os meninos pisaram nelas. Mas a essa altura estavam perto da água o bastante para reparar em alguma coisa mais extraordinária do que simples marcas de pneu.

Havia um brilho azul-claro na água que não era um reflexo do céu. Um carro inteiro estava dentro do rio, as rodas dianteiras e o capô enfiados na lama do fundo enquanto a curva do portamalas quase despontava acima da superfície. Naquele tempo, azul-claro era uma cor pouco comum nos carros, e seu formato bojudo também era raro. Souberam imediatamente: o carrinho inglês, o Austin, sem dúvida o único daquela marca em todo o condado. Pertencia ao sr. Willens, o optometrista. Ele parecia uma caricatura quando o dirigia porque era baixo e gorducho, com ombros maciços e cabeça grande. Dava sempre a impressão de estar prensado dentro do pequeno carro, como se vestisse roupas prestes a estourar de tão apertadas.

O carro tinha um painel no teto que o sr. Willens abria em dias mais quentes. Estava aberto agora. Não podiam ver muito bem o que havia dentro. A cor do carro tornava nítida sua forma, mas a água não era realmente muito clara e obscurecia o que não fosse mais brilhante. Os garotos se acoraram na margem e depois se deitaram de barriga para baixo, esticando as cabeças como tartarugas para enxergar melhor. Algo escuro e peludo, parecido com uma grande cauda de um animal, se projetava para fora do buraco no teto e oscilava preguiçosamente na água. Viram logo

que se tratava de um braço, coberto pela manga do paletó feito com um tecido pesado e lanoso. Aparentemente, um corpo dentro do carro — tinha de ser o sr. Willens — havia ficado numa posição estranha. A força da água — pois até mesmo no açude do moinho havia uma correnteza naquela época do ano — devia tê-lo erguido do assento e jogado de um lado para o outro, de modo que um ombro apontava para o teto do carro e um braço estava livre. A cabeça devia ter sido empurrada contra a porta e a janela do motorista. Uma das rodas dianteiras penetrara mais profundamente que a outra no leito do rio, dando ao carro uma inclinação lateral além daquela ao longo do eixo. Na verdade, o vidro devia estar abaixado e a cabeça arremessada para fora de modo a que o corpo se encontrasse naquela posição. Mas isso eles não podiam ver. Eram capazes de visualizar o rosto do sr. Willens tal como o conheciam — um rosto grande e quadrado, que frequentemente exibia uma espécie teatral de carranca mas nunca chegava a ser seriamente intimidador. O cabelo ralo e ondulado era avermelhado ou cor de cobre no topo, e penteado de modo a cobrir parte da testa. As sobrancelhas eram mais escuras que o cabelo, grossas e felpudas como lagartas grudadas acima de seus olhos. Já antes se tratava de um rosto grotesco para eles, como eram os de muitos adultos, e não tinham medo de vê-lo afogado. Mas tudo que puderam ver foi aquele braço e sua mão pálida. Dava para ver a mão perfeitamente depois que se acostumaram a olhar através da água. Ela se movia trêmula e irresoluta, como uma pena, embora parecesse sólida como massa de pão. E algo bastante banal, uma vez aceita sua presença ali. As unhas eram carinhas bem-feitas, com seu ar corriqueiro e inteligente de saudação, apesar de se recusarem sensatamente a aceitar a situação em que se encontravam.

“Filho da mãe”, os meninos disseram. Com crescente energia e respeito, num tom que beirava a gratidão. “*Filho da mãe.*”

Era a primeira vez que saíam naquele ano. Tinham atravessado a ponte sobre o rio Peregrine, com uma só pista e dois vãos, conhecida localmente como Portão do Inferno ou Armadilha Mortal — embora o perigo tivesse mais a ver com a curva apertada que o caminho fazia na sua extremidade sul do que com a ponte propriamente dita.

Havia uma passarela para pedestres, mas eles não a usaram. Nunca se lembravam de usá-la. Talvez anos antes, quando eram tão pequenos que alguém lhes dava a mão. Mas aquele tempo tinha ficado para trás, e eles se recusariam a reconhecê-lo mesmo que lhes fossem mostradas evidências em alguma fotografia ou tivessem de ouvir falar dele numa conversa de família.

Agora caminhavam pela platibanda de ferro que percorria toda a ponte no lado oposto ao da passarela. Tinha uns vinte centímetros de largura e ficava uns trinta centímetros acima do nível da ponte. O rio Peregrine estava descarregando no lago Huron todo o gelo e toda a neve acumulados no inverno e agora derretidos. Mal cabia entre as margens após a inundação anual que transformava os remansos num lago, arrancava as árvores novas pela raiz e destruía qualquer bote ou cabana a seu alcance. Com a lama que vinha dos campos e a luz pálida do sol refletida em sua superfície, a água tinha a aparência de um pudim de caramelo fervendo. Mas, se algum dos meninos caísse no rio, seu sangue se congelaria e ele seria atirado no lago, caso não tivesse antes arreventado a cabeça num pilar da ponte.

Carros buzinaaram — em alerta ou admoestação — mas eles não deram a menor bola. Continuaram a avançar em fila indiana, tão seguros de si quanto sonâmbulos. Chegando à extremidade norte da ponte, cortaram caminho rumo aos remansos, localizando as trilhas de que se recordavam do ano anterior. A

inundação tinha ocorrido tão recentemente que não era fácil segui-las. Precisavam afastar com os pés o mato derrubado pelas águas e pular de um montinho de capim endurecido pela lama para outro. Às vezes, não prestando atenção ao pular, aterrissavam na lama ou em poças deixadas para trás; porém, depois que seus pés ficaram úmidos, já não se importavam mais com o lugar onde pisavam. Chapinhavam na lama e patinhavam nas poças, deixando que a água invadissem suas botas de borracha. O vento quente transformava as grandes nuvens em filamentos de lã velha, enquanto as gaivotas e os corvos brigavam e mergulhavam no rio. Abutres circulavam acima das outras aves em seus elevados postos de observação; os tordos tinham voltado havia pouco e os melros de asas vermelhas voavam velozes aos pares, com cores tão brilhantes como se houvessem sido mergulhados numa lata de tinta.

“Devia ter trazido uma vinte e dois.”

“Devia ter trazido uma calibre doze.”

Já tinham idade bastante para não pegar pedaços de pau, apontar para o alto e imitar o som de disparos. Lamentaram-se em tom casual, como se tivessem acesso fácil a alguma espingarda.

Subiram pela margem norte até um local em que a areia não era coberta de vegetação e onde as tartarugas supostamente desovavam. Era muito cedo para que isso acontecesse, e na verdade a história da desova das tartarugas era coisa do passado — nenhum dos meninos jamais havia visto um único ovo. Mas eles chutaram e pisaram a areia só para ter certeza de que nenhum ficaria inteiro. Procuraram depois o lugar em que, no ano anterior, um deles, na companhia de outro menino, tinha achado o osso ilíaco de uma vaca trazido pela inundação de algum matadouro. Uma coisa era certa: todos os anos o rio arrastava e depositava por toda a parte um bom número de objetos surpreendentes, grandalhões, estranhos ou caseiros. Rolos de arame, um conjunto intacto de

degraus, uma pá torta, um tacho para fazer pipoca. O osso ilíaco estava preso a um ramo de sumagre — o que parecia bem apropriado, já que todos aqueles galhos lisos se assemelhavam a chifres de vacas ou veados com as pontas enferrujadas.

Zanzaram por lá algum tempo — Cece Ferns lhes mostrou o galho exato — sem encontrar nada.

O osso tinha sido achado por Cece Ferns e Ralph Diller. Perguntado sobre onde ele estava agora, Cece Ferns disse: “Ralph ficou com ele”. Os dois meninos que o acompanhavam — Jimmy Box e Bud Salter — sabiam o porquê: Cece nunca levaria coisa alguma para casa cujo tamanho não lhe permitisse escondê-la facilmente de seu pai.

Conversaram sobre achados mais úteis que poderiam ser feitos ou haviam sido feitos no passado. Postes de cercas serviam para construir uma jangada, pedaços de madeira podiam ser coletados para a cabana ou para o barco que planejavam construir. Sorte mesmo seria encontrar algumas armadilhas de ratos-almiscarados. Aí daria para abrirem um negócio. Seria possível juntar madeira suficiente para fazer as pranchas onde as peles seriam esticadas e roubar as facas que usariam na esfolagem. Falaram em ocupar o galpão vazio que ficava num beco sem saída, atrás do antigo estábulo dos cavalos que puxavam as carruagens de aluguel. A porta era trancada com um cadeado, mas talvez desse para entrar pela janela, retirando à noite as tábuas que a cobriam e as repondo ao raiar do dia. Teriam de trabalhar à luz de uma lanterna. Não, de um lampião. Era só tirar as peles dos ratos-almiscarados, esticá-las e vendê-las por um dinheirão.

O projeto se tornou tão real que começaram a se preocupar com o fato de deixar as valiosas peles no galpão o dia inteiro. Um deles teria de ficar de guarda enquanto os outros cuidavam das armadilhas. (Ninguém mencionou a escola.)

Era assim que eles falavam enquanto se afastavam da cidadezinha. Como se fossem livres — ou quase livres —, como se não frequentassem a escola, não vivessem cercados pela família ou não sofressem todas as torpezas que lhes eram impostas por conta de sua idade. E também como se aquelas terras e os estabelecimentos de outras pessoas lhes fossem proporcionar tudo de que necessitavam para suas empreitadas e aventuras com o mínimo de risco e esforço da parte deles.

Outra mudança nas conversas que tinham por lá era o fato de praticamente pararem de usar nomes. Já não costumavam empregar muito seus nomes verdadeiros e nem mesmo os apelidos dados pelas famílias, tal como Bud. Mas, na escola, quase todo mundo ganhava outro nome, alguns dos quais relacionados à aparência ou à maneira de falar da pessoa, como Quatro Olhos ou Pato Rouco. Outros, como Cu Ralado e Fode Galinha, derivavam de acontecimentos reais ou imaginários na vida de quem recebia o apelido ou na de seus irmãos, pais e tios, pois tais nomes eram transmitidos de geração em geração. Mas tudo isso era deixado de lado quando se encontravam no mato ou nos remansos do rio. Se precisavam chamar a atenção de um companheiro, tudo que diziam era “Ei!”. Até mesmo o uso de nomes que os adultos não deviam ouvir, por serem ofensivos e obscenos, prejudicaria a sensação que tinham naquelas ocasiões de absoluta familiaridade com a aparência, os hábitos, a família e a história pessoal de cada um.

E nem por isso se imaginavam como amigos. Nunca teriam designado alguém como seu melhor amigo ou segundo melhor amigo, nem alterado as hierarquias de tempos em tempos, como as meninas faziam. Pelo menos uma dúzia de outros garotos poderia substituir qualquer um daqueles três, sendo aceitos da mesma forma. A maioria dos membros do grupo tinha entre nove e doze anos, velhos demais para ficarem confinados nos quintais e

nas ruas da vizinhança, embora novos demais para terem empregos — até mesmo varrer a calçada em frente das lojas ou entregar mercadorias de bicicleta. Quase todos viviam na parte norte da cidadezinha, o que significava que deveriam arranjar um emprego desse tipo tão logo tivessem idade suficiente, e que não seriam mandados para as universidades de Appleby ou Upper Canada. Nenhum deles vivia num casebre ou tinha parentes na prisão. Ainda assim, havia notáveis diferenças nas condições em que viviam e no que se esperava deles ao crescerem. Mas essas diferenças desapareciam tão logo se afastavam da cadeia municipal, do silo de grãos e das torres das igrejas, deixando também de ouvir o carrilhão do tribunal de justiça.

Andaram depressa ao voltar. Em certos trechos trotaram, mas não correram. Cessaram os saltos, as brincadeiras e o patinhar na água, assim como os urros e gritos que haviam soltado na ida. Os objetos trazidos pela inundação estavam à vista, mas permaneciam intocados. Na verdade, se comportaram como adultos, caminhando com passadas rápidas e tomando o caminho mais razoável, sobre eles o peso de onde precisavam ir e do que precisavam fazer. Havia algo bem à frente deles, uma cena diante de seus olhos que os separava do mundo, algo que a maioria dos adultos parecia possuir. O açude, o carro, o braço, a mão. Sabiam que, ao chegarem a determinado lugar, começariam a gritar. Entrariam na cidade sacudindo os braços e contando aos berros a novidade — e todo mundo ficaria imóvel, absorvendo a notícia.

Atravessaram a ponte como sempre, pela platibanda. Mas sem a menor noção de risco ou coragem ou sangue-frio. Era como se seguissem pela passarela.

Em vez de tomar a estrada que ali fazia uma curva apertada e por ela chegar ao porto e à praça, subiram o barranco da mar-

gem numa trilha que levava até perto dos armazéns da ferrovia. O relógio soou um quarto de hora. Meio-dia e quinze.

Naquela hora as pessoas estavam indo almoçar em casa. Os que trabalhavam nos escritórios teriam a tarde livre. Mas os que trabalhavam nas lojas estavam apenas aproveitando o intervalo normal de almoço, porque os estabelecimentos comerciais ficavam abertos até dez ou onze nas noites de sábado.

A maioria das pessoas ia para casa a fim de fazer uma refeição quente e substancial. Costeletas de porco, linguiças, carne ensopada, presunto. Batatas, sem dúvida, em purê ou fritas; raízes comestíveis guardadas durante o inverno, repolho ou cebolas com molho cremoso. (Algumas donas de casa, mais ricas ou mais preguiçosas, poderiam abrir uma lata de ervilhas ou de feijão-manteiga.) Pão, bolinhos, conservas, tortas. Até mesmo quem não tinha para onde ir, ou por alguma razão não queria voltar para casa, comeria o mesmo tipo de refeição no Duke of Cumberland, no Merchants' Hotel ou, gastando menos, por trás das janelas embaçadas do Shervill's Dairy Bar.

Os que iam para casa eram quase todos homens. As mulheres já estavam lá — lá estavam o tempo todo. Mas algumas mulheres de meia-idade que trabalhavam em lojas ou escritórios por razões alheias a sua escolha — maridos mortos, maridos doentes ou nenhum marido — eram amigas das mães dos meninos e mesmo estando do outro lado da rua, os cumprimentavam de um jeito divertido ou brincalhão que trazia à lembrança tudo que sabiam sobre as questões de família ou sobre a infância já distante de cada um deles. Era pior para Bud Salter, que chamavam de Buddy.

Os homens não se davam ao trabalho de chamar os meninos por seus nomes, mesmo que os conhecessem perfeitamente. Preferiam chamá-los de “garotos”, “jovens” e às vezes de “senhores”.

“Bom dia, senhores.”

“E aí, garotos, estão indo agora direto para casa?”

“Que travessura estes jovens andaram fazendo hoje de manhã?”

Todas essas saudações tinham algo de jocoso, mas havia diferenças. Os homens que diziam “jovens” eram mais simpáticos — ou queriam parecer mais simpáticos — do que os que diziam “garotos”. “Garotos” podia sinalizar que se seguiria uma repreensão por ofensas vagas ou específicas. “Jovens” indicava que o interlocutor um dia também fora jovem. “Senhores” era uma óbvia gozação e sinal de menosprezo, porém não abria caminho para nenhum pito porque a pessoa que dizia isso não estava ali para se chatear.

Ao responder, o olhar dos garotos não subia acima da bolsa das mulheres ou do pomo de adão dos homens. Diziam “Olá” claramente porque poderia haver algum problema se não o fizessem, e em resposta às perguntas saíam-se com um “Sim, senhor”, um “Não, senhor” ou um “Nada demais”. Até mesmo naquele dia as vozes que se dirigiam a eles causavam certo alarme e confusão, fazendo com que respondessem com a reticência costumeira.

Em certa esquina tinham de se separar. Cece Ferns, sempre o mais ansioso para voltar para casa, partiu na frente, dizendo: “Vejo vocês depois do almoço”.

Bud Salter disse: “Tá bom. Aí vamos ao centro”.

Isso queria dizer, como todos entenderam, “à delegacia de polícia no centro”. Aparentemente, sem necessidade de se consultarem, eles haviam adotado um novo plano de ação, uma forma mais sóbria de anunciar a novidade. Mas não ficou claro que nada diriam em casa. Não havia nenhuma boa razão para que Bud Salter ou Jimmy Box não o fizessem.

Cece Ferns nunca dizia nada em casa.